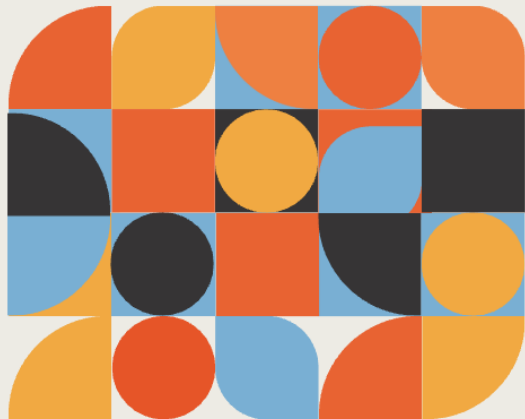




ÀDIRE E SHIBORI: ÍNDIGO QUE TINGE OS TECIDOS IORUBÁS E JAPONESES

Àdire and Shibori: indigo that dyes yoruba and japanese textiles

Rosa, Julia Castro S.; Bacharela; Universidade de Sorocaba; juliacastrorosa@gmail.com¹
Okasaki, Aymê; Docente Doutora; Universidade de Sorocaba; ayme.okasaki@hotmail.com²

Grupo de Pesquisa Fayola Odara³

Resumo: Entre os séculos VIII e XII, de modo empírico, originam-se nas zonas tropicais do globo técnicas de tingimento por reserva com o pigmento vegetal índigo. Dentre as técnicas empregadas, há o Àdire (iorubá) e o Shibori (japonês), termos que abrangem uma gama de métodos de beneficiamento têxtil por reserva. Mediante uma investigação bibliográfica e revisão literária detalhada em procura de traçar conexões, compreender as semelhanças e distinções entre os processos, assim como é possível encontrar registros de intercâmbio comercial e das modificações significativas nos têxteis gerados.

Palavras chave: Àdire; Shibori; índigo.

Abstract: Between the 8th and 12th centuries, dye-resist techniques using the plant-based pigment indigo emerged empirically in tropical regions of the world. Among these methods are Àdire (Yoruba) and Shibori (Japanese), umbrella terms that encompass a wide range of textile resist-dyeing techniques. This study, based on bibliographical research and a detailed literature review, aims to trace connections and understand the similarities and differences between these processes, as well as to identify historical records of commercial exchange and significant modifications in the resulting textiles.

Keywords: Àdire; Shibori; indigo.

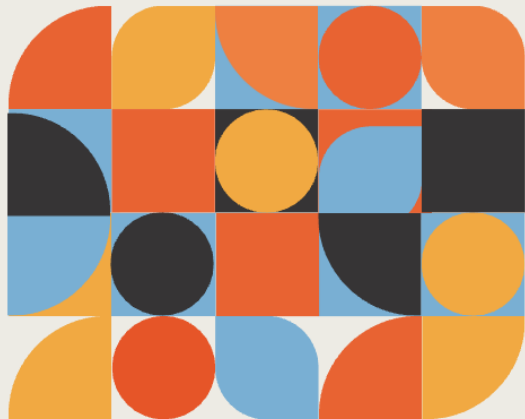
Introdução

Este projeto, mediante um cuidadoso estudo comparativo histórico entre têxteis e de uma revisão bibliográfica, tem por finalidade investigar os beneficiamentos têxteis por reserva, Àdire e Shibori, de localizações e contextos distintos (um iorubá e outro japonês), a procura de estabelecer conexões bem como verificar dissemelhanças e contrastes entre o contexto histórico e a metodologia das duas técnicas de tingimento.

¹ Julia Castro S. Rosa
Bacharela em Moda, Universidade de Sorocaba, São Paulo, Brasil
juliacastrorosa@gmail.com

² Aymê Okasaki
Professora nos cursos de Bacharelado em Moda, Universidade de Sorocaba, Universidade Anhembi Morumbi e Senai, Doutora em História Social, Universidade de São Paulo, Mestra e bacharela em Têxtil e Moda, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Ayme.okasaki@hotmail.com





Para isso, a investigação sustenta-se nos estudos dos autores: Colleen E. Kriger; Peju Layiwola; Yoshiko Iwamoto Wada; Mary K. Rice; Jane Barton; Onyinye Assumpta Ojukwu e Tayaba Tariq. Assim como fundamenta-se nos livros: *“Indigo Reimagined: Rethinking àdìre in Yorùbá Fashion and Textile Modernity”*, *“Cloth in West African History”*, *“Shibori: The Inventive Art of Japanese Shaped Resist Dyeing”* e *“Indigo: The Colour that Changed the World”*.

Contexto Histórico

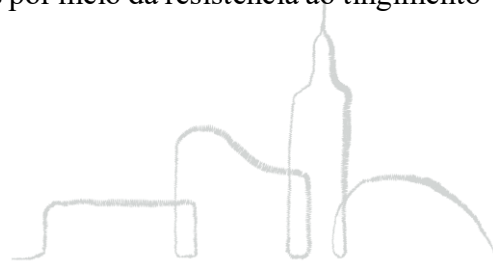
Cor que simboliza riqueza e profundidade, o pigmento índigo é originário das faixas tropicais das Américas, Ásia e de África (Kriger, 2006, p. 117). Durante os séculos XV e XVI, por motivo de eficiência do corante, tais zonas correspondiam aos grandes centros de produção de índigo, correlacionados ao cultivo e produção têxtil de algodão – visto que o pigmento tem natural afinidade com algodão, embora também tinha fibras vegetais derivadas, seda e lã – (Rice; Wada; Barton, 2012, p. 278).

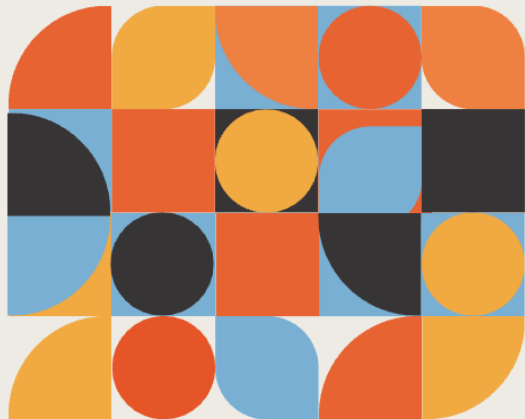
Aproximadamente no século IV, a Indigofera (gênero botânico das espécies de índigo), determinou o surgimento espontâneo de técnicas empíricas de tingimento por reserva em diversas regiões do globo, incluindo o Àdìre e o Shibori.

O Àdìre, uma mescla das palavras iorubás *Àdi* (amarrar) e *Re* (tingir) (Ojukwu; Tariq, 2020), é um agrupamento de técnicas geracionais com motivos e símbolos que concebem ao tecido uma importância ritualística, é uma forma de comunicação que, consoante Peju Layiwola (Oloko; Layiwola, 2021, p. 11) “[...] seus habilidosos padrões no tecido concebem a ele um significado e marcam a identidade histórica e contemporânea iorubá” (tradução livre dos autores).

Concomitantemente, o Shibori (絞) é um termo japonês derivado da palavra “*shiboru*” (torcer, apertar, pressionar), representa um conjunto de métodos de beneficiamento têxtil por reserva, traduz uma cultura ancestral de manualidade, fundamentada no potencial de criação de motivos e designs por meio da resistência ao tingimento (Rice; Wada; Barton, 2012, p.7).

Apresentação das técnicas





A presença ou ausência do oxigênio são fatores essenciais para a solução de índigo, visto que este precisa ser reduzido ao seu estado leuco original (índigo branco) mediante um agente “reduzidor”, uma solução alcalina que o solubilize; assim, em seu estado solúvel, uma boa parcela do pigmento é capaz de adentrar a fibra (Callender, 2009).

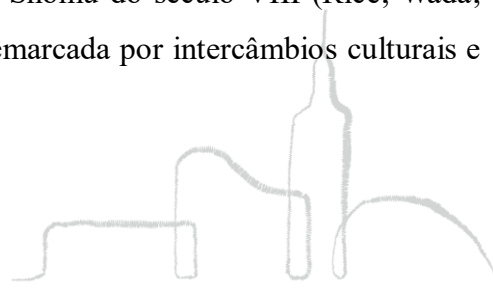
Consoante a Callender (2009), durante o processo é possível repetir as imersões e reservas para alcançar profundidade da tonalidade, visto que o tempo de imersão não altera a cor do material. O pigmento possui afinidade com algodão e fibras vegetais, assim como tingem seda e lã (Rice; Wada; Barton, 2012).

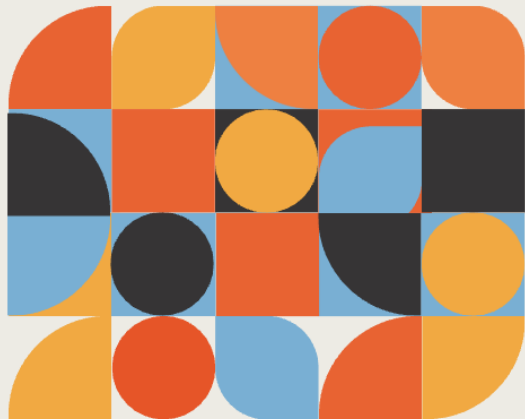
O método iorubá para solubilização do índigo consiste em coar a água por meio das cinzas cozidas da planta, estas feitas através da trituração da folha fresca em uma massa preto-azulada, formando uma bola de corante, deixada para secar ao sol por dias. Conforme Kriger (2006, p.128), o processo de coagem era realizado em dois potes empilhados, no fundo do pote de cima, haveria um buraco, sobre o qual a tintureira empilhava grama, gravetos e fibras como um filtro.

Já o processo japonês, compreende a fermentação de bactérias anaeróbicas termofílicas presentes em uma cuba já aquecida, na qual há liberação de hidrogênio como produto metabólico, convertendo o pigmento em leuco-índigo (Kakhia, 2015, p. 119). Tal fermentação requer condições adequadas para manter o estado reduzido do índigo por maior quantidade de tempo, como adicionar nutrientes à bactéria, misturar a solução uma vez ao dia e manter o pH 2 (Nakagawa, 2021).

Análises e Discussão

A priori, tanto no método ioruba quanto no japonês, os tecidos mais antigos – um toucado e um manto encontrados na região do Alto Niger datados no século XI ou XII (Kriger, 2006, p. 136-137), bem como três tecidos tingidos por reserva presentes no catálogo do falecido imperador Shōmu do século VIII (Rice; Wada; Barton, 2012, p. 11) – compartilham de uma origem bastante ambígua, demarcada por intercâmbios culturais e trocas diplomáticas.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

As similaridades não se restringem ao tingimento por reserva com o pigmento índigo, presentes na ambiguidade de sua origem; em suas contribuições econômicas locais e internacionais; no uso do algodão como uma das principais fibras têxteis; e na relação das técnicas com a cultura e identidade de seus respectivos povos. Há também equivalência no método empregado pelo *Àdire Alábéré* e o *Nui Shibori*, costura à mão ou à máquina, e uma certa semelhança entre o *Kumo Shibori* e o *Àdire Elelo*, que empregam dobras em seu processo.

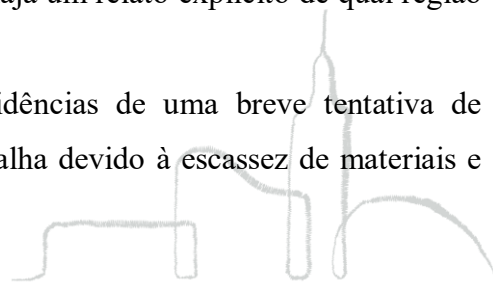
Em ambos os processos de tingimento por reserva, as tintureiras são bastante descritas, ora registros históricos ora gravuras, no Shibori há o exemplo da Senhora Miura que criou o Miura Shibori. Consoante a Kriger (2006, p.149-150), apesar do método de resistência com amido não ser um domínio exclusivo das mulheres iorubas, elas exploram o potencial de motivos da técnica, convertendo-a em uma fonte de renda.

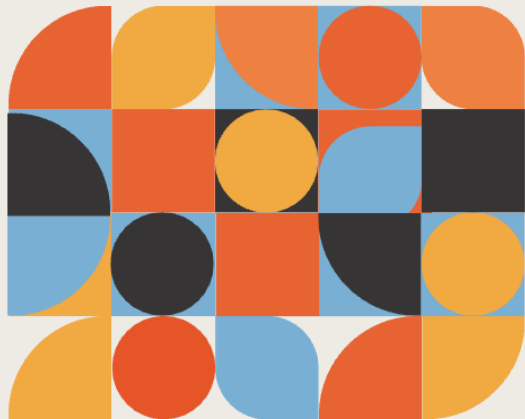
Assim como há divergências: nas medidas das faixas utilizadas para o tingimento, tanto no comprimento quanto na largura -38.1cm largura x13m comprimento de Shibori para 7 a 20 centímetros de *Àdire* (Kriger, 2006, p. 138-145) -; nos métodos de reserva que, com exceção das díades *Àdire Alábéré* e *Nui Shibori* bem como *Kumo Shibori* e *Àdire Elelo*, não possui equivalências. Os têxteis utilizados para tingimento, embora comumente seja o algodão, até o século XIV no Japão, a seda, o cânhamo (asa) e o rami também eram fibras utilizadas (Rice; Wada; Barton, 2012, p.275).

Ademais, o processo de solubilização do índigo é deveras distinto em cada técnica, no processo japonês o pigmento é convertido por meio do hidrogênio resultante da fermentação de bactéria anaeróbicas termofílicas (Kakhia, 2015, p. 119). Já o procedimento iorubá, envolve a fermentação e quebra das folhas de índigo para originar uma bola de corante ainda insolúvel, além da elaboração de um meio alcalino, por meio das cinzas da planta, resultando no estado solúvel do pigmento (Ojukwu; Tariq, 2020 p.45).

Em virtude às políticas isolacionistas do Shogunato, exceto por um pequeno grupo de mercantes holandeses, não há intercâmbios econômicos internacionais até o século XIX. Contudo apenas em 1917, quando a ferrovia chega a Arimatsu (polo comercial de Shibori da época), os mercadores financiam conexões exteriores, com exportações para Coreia, Taiwan, Cingapura e África – embora não haja um relato explícito de qual região ou nação (Rice; Wada; Barton, 2012).

Mediante registros de cooperativas têxteis de Arimatsu, há evidências de uma breve tentativa de comercializar Shibori para África do Sul e Gana; todavia, a investida é falha devido à escassez de materiais e





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

devastação econômica ocasionadas pela invasão à China e, por sequência, a Segunda Guerra Mundial (Wada, 2016).

Durante o período pós Segunda Guerra Mundial, por intermédio de uma empresa de exportação denominada Gerber Goldschmidt, houve a possibilidade de exportação de Shibori. Embora não haja registros que comprovem o destino à África do Sul, em 1948 e 1949, aproximadamente um milhão de metros de Shibori com tons majoritariamente azul e branco em tecido largo, que se encaixam ao gosto dos consumidores locais foram exportados. Nesta produção, houve o desenvolvimento de produtos com padrões que se assimilam aos japoneses e outros totalmente africanos.

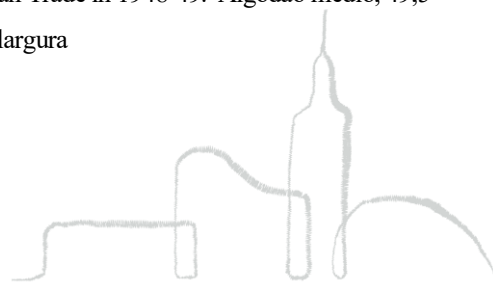
Assim, é previsível que em contextos econômicos desafiadores, os artesãos de Arimatsu aproveitaram a oportunidade para criar formas mais apelativas ao mercado estrangeiro, como mostra a Figura 1 (Wada, 2016). Neste período, os tecidos com o método japonês foram cortados e costurados para assemelhar-se ao Àdire tecido à mão.

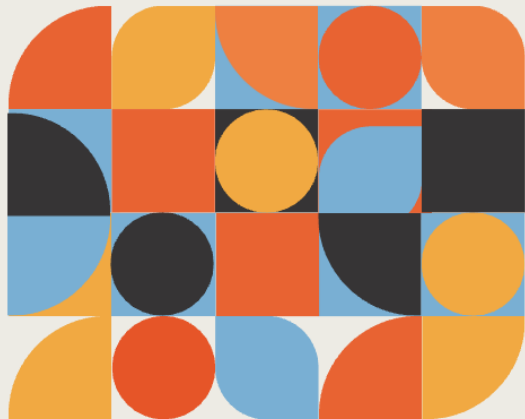
Algumas das amostras de shibori de exportação africana que encontrei em Arimatsu assemelham-se aos tradicionais têxteis étnicos africanos encontrados no século passado. Por exemplo, muitos deles usam tecidos de cetim de algodão, que é semelhante ao bazin riche ou bazin gros, historicamente exportado para a África por fabricantes europeus (WADA, 2016).

Figura 1 – Amostra comercial de Arimatsu para África



Fonte: WADA, Yoshiko Iwamoto. Arimatsu to Africa; Shibori Textiles Developed for African Trade in 1948-49. Algodão médio, 49,5” (125,73 cm) de largura, cada tira tem 3” (7,62 cm) de largura





Considerações Finais

De modo espontâneo, o tingimento com o pigmento índigo surgiu em diversos continentes e períodos próximos. A princípio, as técnicas de beneficiamento têxtil japonesa e iorubá partilham de mesma origem ambígua, marcada por intercâmbios diplomáticos e comerciais, impossibilitando a datação precisa.

Há também notáveis similaridades entre os processos, como sua contribuição comercial, a forte presença das tintureiras, as díades de métodos semelhantes (*Àdire Alábéré* e *Shibori Nui*, *Kumo Shibori* e *Àdire Elelo*) e o uso do algodão com fibra têxtil. De mesmo modo, há contrastes, tais como: as medidas das faixas de tecido a ser tingido (38,1cm x 13m de comprimento de *Shibori* e 7 a 20 cm de largura de *Àdire*); os processos de solubilização do leuco-índigo – o método japonês, mediante fermentação de bactérias anaeróbicas, já o procedimento iorubá por meio das cinzas das folhas da planta -; os têxteis usados (visto que no Japão também se usa o cânhamo, rami e a seda); e, por fim, os métodos que, exceto aos citados acima, não possuem equivalências.

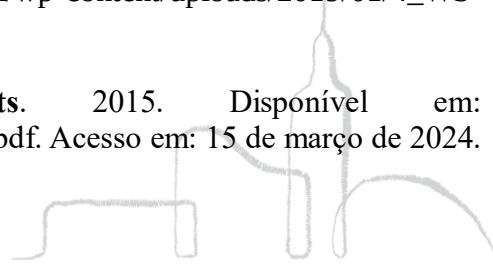
Ademais, por meio da investigação, foi possível identificar amostras têxteis de 1948-1949 que podem representar um certo intercâmbio comercial e cultural entre as técnicas, visto que o tecido exportado seja *Shibori*, há determinadas modificações e costuras que se assemelham ao *Àdire*, com formato e padrões apelativos aos consumidores locais.

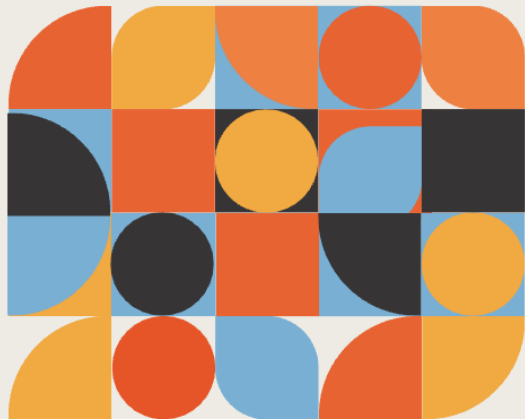
Em suma, a presente pesquisa motivou reflexões acerca dos aspectos sociais e de gênero presentes em ambas as técnicas de beneficiamento têxtil seculares, além de possibilitar uma continuidade sobre como os métodos estão conectados em um contexto contemporâneo, de modo que não somente abranja os aspectos de reimaginação de uma tradição, como também sua abordagem artística e identitária.

Referências

CALLENDER, Jane. Indigo and the Tightening Thread. **The Journal for Weavers, Spinners and Dyers**, Reino Unido, n. 231, Outono de 2009. Disponível em: https://janecallender.com/wp-content/uploads/2019/01/4_WS-AND-DYERS-DYERS-TEXT.pdf. Acesso em: 20 jan. 2024.

KAKHIA, Tarek Ismail. **Dyes, color & pigments**. 2015. Disponível em: https://tarek.kakhia.org/books_eng/Dyes_Colors_Pigments.Tarek_Kakhia.pdf. Acesso em: 15 de março de 2024.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

KRIGER, Colleen E. **Cloth in West African History**. Oxford: Altamira Press, 2006.

LEGRAND, Catherine. **Indigo: The Colour that Changed the World**. Inglaterra: Thames & Hudson, 2013.

NAKAGAWA, Kasumi et al. Voltammetric in-situ monitoring of leuco-indigo in índigo-fermenting suspensions. **Journal of Bioscience and Bioengineering**, v. 131, n. 5, p. 565-571, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1389172321000050>. Acesso em: 13 março 2024

OLOKO, Patrick (org.); LAYIWOLA, Peju. **Peju Layiwola's INDIGO REIMAGINED: Rethinking Àdìre in Yorùbá Fashion and Textile Modernity**. Nigéria: Institute of African and Diaspora Studies, University of Lagos, 2021.

OJUKWU, Onyinye Assumpta; TARIQ, Tayaba. **Rethinking sustainability in the fashion industry through indigenous culture**. 2020. Tese (mestrado em Engenharia Industrial e Informação) – Scuola di Ingegneria Industriale e dell'Informazione, Milão, 2020. Disponível em: <https://www.politesi.polimi.it/retrieve/d1edb0d2-37d5-44f4-b86e-53b0a82df5f3/THESIS%20REPORT%20.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.

RICE, M K; WADA, Y I; BARTON, J J. **Shibori: The Inventive Art of Japanese Shaped Resist Dyeing**. Estados Unidos: Kodansha USA, 2012.

WADA, Yoshiko Iwamoto. Arimatsu to Africa: Shibori Textiles Developed for African Trade in 1948-49. In: **Textile Society of America Symposium Proceeding**, 15., 2016, Savana. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2013&context=tsaconf>. Acesso em: 15 set. 2023.

